

1

Introdução

[...] o maior problema da escola é a indisciplina, falta de respeito, falta de responsabilidade, falta de educação, os alunos vêm de casa totalmente deseducados.

[...] a indisciplina é causada pela falta de limites que hoje existe!

Eles não respeitam, aqui, ninguém. Os alunos fazem o que querem, o que entendem, até os professores têm medo de agir. (Abramovay & Rua, 2003, p. 38)

As falas acima foram destacadas no relato das conclusões de uma série de pesquisas realizadas no Brasil, pela Unesco, nos anos finais da década de 1990, acerca dos temas “Juventude, Violência e Cidadania”. Confirma-se, desse modo, em nível nacional, a experiência imediata daqueles que convivem com educadores de adolescentes: a indisciplina parece ser entendida por professores e por outros profissionais da escola como uma das questões mais graves e urgentes do contexto escolar contemporâneo. Com frequência, o cenário descrito pelos educadores remete-se ao caos e à barbárie, referido em meio a juízos saudosos de outros tempos em que a escola, as famílias e os jovens pareciam adequar-se às suas expectativas de ordem e de comportamento.

Outra pesquisa pode ratificar essa percepção. Em 2006, a educadora e pesquisadora Tania Zagury publicou o livro *O professor refém – para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*, que logo se tornou matéria de destaque na revista dominical do jornal *O Globo*. As imagens utilizadas na reportagem são expressivas do modo como questões de indisciplina e de violência na escola vêm sendo apresentadas pela mídia, mas também por professores e gestores de escolas. Trata-se de uma encenação realizada no Colégio Plínio Leite¹, em que se buscou retratar o “professor refém”, que a pesquisadora afirma ter encontrado no *survey* que deu origem ao livro homônimo:

REFÉM: ‘PESSOA importante que o inimigo mantém em seu poder para garantir uma promessa, um tratado etc.’. A definição é do dicionário Aurélio. E é assim que se sentem os professores brasileiros, segundo pesquisa da educadora Tania Zagury. A pessoa importante é o professor, e o inimigo pode ter muitas caras – como a dos irados alunos que no começo do mês surraram um professor em Recife porque este interrompeu um jogo de futebol que atrapalhava sua aula; ou a da defasagem de métodos nas escolas públicas que torna o ensino maçante; ou a da ausência dos pais, que sobrecarrega a escola; ou a da própria formação deficitária do professor. (Revista O Globo, 2006, p. 20)

¹ Escola da rede privada de ensino da cidade de Niterói.

Contudo, entre todos esses fatores, aquele que mereceu o foco da publicação foi a indisciplina dos alunos. Todas as imagens produzidas para a matéria sugerem uma professora esgotada e indefesa, que, por fim, na última foto da reportagem, faz o gestual de quem arranca os cabelos e grita por “Socorro!”, no “balão” que mostra seu pensamento, enquanto alunos a ignoram e se divertem entre si.

A priorização da questão do comportamento estudantil na revista é coerente com os resultados da pesquisa de Zagury²:

- “Maiores dificuldades do professor em sala” (pergunta fechada): “Manter a disciplina em sala” – 22%, e “Motivar os alunos” – 21% (Zagury, 2006, p. 83);
- “Dificuldade 1 X Causas” – “Manter a disciplina em sala” (“pergunta [aberta] de resposta curta”; *ibid.*, p. 85): “Os alunos não têm limites/são rebeldes/agressivos/faltam com respeito” – 44%; “Falta de educação familiar/liberdade familiar/falta de educação” – 19% (*ibid.*, p. 87);
- “Dificuldade 2 X Causas” – “Motivar os alunos”: “Falta de interesse/motivação dos alunos/alunos dispersos” – 22%; “A motivação fora de sala de aula é maior (comunicação, jogos, internet, esportes, mídia)” – 20% (*ibid.*, p. 91).

Nessa pesquisa, portanto, a questão da indisciplina também aparece como questão central na avaliação dos professores quanto às suas dificuldades em sala de aula. Dado esse quadro, identifica-se a fonte do problema prioritariamente no aluno e em sua família, mas o mundo globalizado, com suas possibilidades tecnológicas e informacionais, também teria tornado a instituição escolar obsoleta e desinteressante para as novas gerações.

Em suma, estamos preocupados com a emergência do que estamos chamando de sujeito-estudante pós-moderno – isto é, com uma compreensão das populações escolares contemporâneas que considere a juventude como um sujeito exemplar do pós-modernismo. Em particular, estamos interessados em desenvolver uma melhor compreensão de um fenômeno que é cada vez mais visível nos debates atuais: a emergência de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades. (Green & Bigun, 2002, p. 213)

A citação acima nos lembra que os questionamentos acerca das novas gerações de estudantes não são exclusivos do contexto brasileiro. Os autores, referindo-se à escola australiana, argumentam que novas subjetividades, formadas sob forte influência da mídia televisiva e do emergente mundo cibernético,

² Seu estudo se desenvolveu ao longo de três anos, a partir de 2002, quando começou a elaborar o projeto. O questionário foi respondido por 1172 docentes do ensino básico das redes pública e privada, distribuídos em 42 cidades de 22 estados do país.

encontram uma escola tradicional, que tende a vê-los como “alienígenas”. E na escola do nosso contexto, quão alienígenas nos parecem nossos jovens estudantes? Esse desencontro geracional da contemporaneidade explicaria os problemas de indisciplina e desmotivação discentes apontados pelos professores na pesquisa de Zagury?

No entanto, nem o problema da indisciplina, nem os conflitos intergeracionais, ou a correspondente inquietação dos professores constituem novidade na história da educação. A esse respeito, a estudiosa portuguesa Maria Teresa Estrela (2002, p.14) lembra Santo Agostinho (354-430), que, em suas *Confissões*, já se queixava da “indisciplina dos jovens que perturbavam ‘a ordem instituída para seu próprio bem’”. Cabe, portanto, indagar quais seriam as especificidades dessas questões no nosso tempo.

É consenso entre teóricos das Ciências Humanas e Sociais que as últimas décadas foram palco de importantes transformações de ordem econômica, política, tecnológica e cultural, em todo o planeta. Contudo, as implicações dessas mudanças para a sala de aula ainda não foram suficientemente pesquisadas e discutidas no contexto escolar brasileiro. No caso da questão da indisciplina – que mais e mais se confunde com a problemática da violência na escola, especialmente quando se foca a adolescência – diversas investigações, como as já mencionadas nesta introdução, revelam sua gravidade e múltiplos aspectos das percepções dos envolvidos, mas o dia-a-dia do fazer pedagógico que contextualiza e significa tais questões na atualidade ainda está por ser explorado. O estudo que passo a relatar pretende contribuir para essa discussão, trazendo notícias desse cotidiano, construídas a partir de um estudo de caso desenvolvido em uma escola da rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro, ao longo do ano letivo de 2006.

1.1 Outros pontos de partida

Esta pesquisa, no entanto, não se deve apenas à constatação da sua pertinência. Afinal, são diversas as questões de igual urgência para a vida escolar: a definição do tema da indisciplina e da violência na escola passou também por

escolhas e experiências pessoais. Ainda que brevemente, importa relatar essa trajetória, pelo que pode revelar acerca do olhar que guiou e marcou este estudo.

O comportamento do aluno é, provavelmente, uma das maiores angústias do professor recém-formado, e meu caso particular não foi diferente. Na sala de professores da primeira escola³, essa angústia se transformava em pânico ao constatar que docentes mais experientes também se desesperavam com alunos ditos incontroláveis. Por outro lado, a repressão autoritária – solução mais próxima e familiar, pela própria experiência pessoal de estudante – encontrava-se vetada pelas circunstâncias sócio-históricas daquele momento: ainda se festejava a liberdade conquistada com o fim da ditadura militar e, nesse contexto, abominava-se toda forma de repressão/opressão/controle, tornando-se complicado aceitar o lugar do *não*, encarnar o agente direto dos processos disciplinares descritos por Foucault em *Vigiar e punir* (1987) e adestrar corpos para se tornarem dóceis e úteis para produção capitalista. Entretanto, estava claro que a aula precisava acontecer, caso contrário, os penalizados seriam aqueles adolescentes de origem popular, e não a burguesia e o sistema capitalista. Segui buscando e eventualmente encontrando respostas na teoria, no diálogo com os pares, na abertura para a diferença adolescente – mas a sala de professores jamais deixou de ser o lugar dos perturbadores casos de indisciplina e de violência discente, relatados em meio a suspiros de desalento e duros comentários de desesperança a respeito das novas gerações.

Freqüentar outros coletivos de professores tampouco trouxe mudanças para esse quadro: a atuação como docente em cursos de formação inicial e continuada de professores revelava a amplitude do problema que, aos olhos dos profissionais envolvidos, vinha crescendo em freqüência e gravidade.

À experiência como professora de História no ensino fundamental e como professora de Didática no ensino superior, somou-se a participação no Gecec – Grupo de Estudos sobre Cotidiano Escolar e Cultura(s) –, grupo de pesquisas coordenado pela professora Vera Candau, vinculado ao Departamento de Educação da PUC-Rio e apoiado pelo CNPq. Desde 1996, o Gecec vem investigando diversos aspectos das relações entre educação e questões culturais da

³ Escola pública municipal, como professora de História em oito turmas de 5ª a 8ª séries, atuais 6º ao 9º ano.

atualidade, opção que é justificada pela coordenadora do Grupo nas seguintes palavras:

Neste momento, dada a sensibilidade crescente em relação a esta problemática, é importante que, uma vez mais, não nos limitemos a copiar a experiência de outros países e nos empenhemos em construir caminhos coerentes com a nossa própria formação histórica, cultural e social, com a configuração multicultural específica da sociedade brasileira e a partir do reconhecimento dos esforços, certamente limitados e ainda embrionários, que estão sendo realizados entre nós nesta perspectiva. (Candau, 2002a, p. 10)

Após cinco anos de participação no Gecec, minha concepção de pesquisa, assim como meu entendimento de didática – campo em que situo o presente estudo – encontram-se evidentemente marcados por essa vivência. Neste trabalho, destaco a incorporação da perspectiva intercultural à didática como a principal dessas marcas.

A escolha do tema e do enfoque desta pesquisa configura-se, portanto, na confluência de experiências profissionais no magistério e na pesquisa acadêmica com a percepção da centralidade e da especificidade atuais das questões de indisciplina e violência entre adolescentes no contexto escolar.

No capítulo que se segue, retomo projeções e motivações iniciais da pesquisa, para justificar opções teórico-metodológicas e posteriores alterações de percurso. Ainda nesse segundo capítulo, também com propósito introdutório, descrevo em linhas gerais o trabalho de investigação realizado e a metodologia de análise dos registros dessa investigação. Nas seções seguintes, apresento as análises empreendidas, organizadas em torno de três eixos temáticos do seguinte modo intitulados: *Diferença adolescente e dialogia*, *Dialogia e regulação do coletivo*, *Na sala de aula: dialogia, dispersão e cultura da violência*. Por fim, no último capítulo deste relatório, retomo as questões de pesquisa, organizando em síntese os principais achados e reflexões deste estudo, para desse modo propor algumas contribuições para o debate das questões acerca da regulação do coletivo escolar entre adolescentes do nosso tempo.